

ENTRE O ECO DO BECO E A IMENSIDÃO DO HORIZONTE: UMA COMPARAÇÃO ENTRE “POEMA DO BECO”, DE MANUEL BANDEIRA, E “BECO”, DE SONY FERSECK

Mariana Alcantara Vilarinho de Andrade (UERR)
marianaalcantarava@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explicar sobre a literatura como poder imaterial veiculador de cultura, e demonstrar em que medida ela é capaz de desconstruir processos de exclusão entre setores periféricos e setores centrais, tendo como enfoque o diálogo de duas obras líricas: Poema do Beco, do autor Manuel Bandeira, e Beco, de Sony Ferseck – ambos autores brasileiros, porém aquele teve sua obra mais difundida e esta ainda nem tanto. Desta forma, será discutida a metodologia dialógica entre os referidos poemas, bem como de que modo uma obra faz alusão a outra e como as marcações ideológicas de ambas se entrecruzam, ao passo que também se opõem. Para tanto, tomamos por escopo teórico: a literatura em sentido estrito, por Compagnon (1999); as funções da literatura, ditas por Umberto Eco (2003); a literatura como forma de conhecimento, discutida por Antônio Cândido (1991), as considerações de José Luiz dos Santos sobre como avaliar cada cultura (1996); as orientações dialógicas, feitas por Mikhail Bakhtin (1988); entre outros. Percebe-se, portanto, que o poema de Ferseck, o qual é tomado como literatura periférica, evoca o texto de Bandeira acerca da ligação, mas também do distanciamento, entre o beco (periferia excluída) e o horizonte (meio central, universal) promovendo ressignificações sobre a impressão de limites do beco – equivalente à minoria subalternizada – diante do horizonte – análogo à maioria hierarquicamente favorecida no texto evocado.

Palavras-chave:

Beco. Diálogo. Minoria.

ABSTRACT

This work aims to explain about literature as an immaterial power that conveys culture, and demonstration to what extent it is capable of deconstructing processes of exclusion between peripheral and central sectors, focusing on the dialogue of two lyrical works: Poema do Beco, by the author Manuel Bandeira, and Beco, by Sony Ferseck – both Brazilian authors, but that one had his work more widespread and this one still not so much. In this way, the dialogical methodology between the poems of investigation will be discussed, as well as how one work alludes to another and how the ideological marks of both intertwine, while they are also opposed. For that, we take as theoretical scope: literature in the strict sense, by Compagnon (1999); the functions of literature, told by Umberto Eco (2003); literature as a form of knowledge, discussed by Antônio Cândido (1991), José Luiz dos Santos' considerations on how to evaluate each culture (1996); the dialogical orientations, made by Mikhail Bakhtin (1988); among others. It is clear, therefore, that Ferseck's poem, which is taken as peripheral literature, evokes Bandeira's text about the connection, but also the distance between the alley (excluded periphery) and the horizon (central, universal medium) promoting reinterpretations

about the impression of the limits of the alley – equivalent to the subalternized minority – before the horizon – analogous to the majority hierarchically favored in the evoked text.

Keywords:
Alley. Dialogue. Minority.

1. Introdução

O objeto principal de análise, neste trabalho, é o poema *Beco* de Sony Ferseck, o qual será comparado com um poema de Manuel Bandeira, para serem estabelecidos os dialogismos entre ambos. Para fundamentar nosso estudo, tomaremos por base os pensamentos sobre funções literárias de Eco (2003), as postulações sobre cultura feitas por Santos (1996), o caráter de direito inalienável da literatura proposto por Cândido (1991), o conceito de minoria de Dorrico e Danner (2018), as orientações dialógicas ditas por Bakhtin (1988), entre outros.

Sonyellen Fonseca Ferreira, cujo pseudônimo é Sony Ferseck, a autora do poema “*Beco*”, radicada em Roraima, “é natural de Belém do Pará, cresceu em Boa Vista, Roraima, onde se formou em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Filha de Eliete Edmilson, Irmã de Edyellen, Ellyelson e Renato” (FERSECK, 2013, *Orelha do livro*), iniciou-se na vida literária com a publicação do livro de poemas: “*Pouco verbo*” – publicado em solo roraimense em 2013, na série chamada *Máfia do Verso* – no qual se encontra o poema a ser estudado.

Roraima, onde foi publicada a obra de Sony, é um estado brasileiro ao extremo setentrional, com uma fronteira tríplice: a Nordeste, a República Cooperativa da Guiana; a Noroeste, a Venezuela; a Sudeste e a Sul-Sudoeste, os estados brasileiros Pará e Amazonas. Devido à localização em ambiente amazônico e fronteiriço, o estado foi alvo de exploração e disputas por muito tempo, o que retardou seu desenvolvimento social, econômico e seu reconhecimento cultural.

Portanto, o local de circulação de *Pouco Verbo* pode ser descrito como periférico: antigo Território de Roraima, elevado à categoria de estado brasileiro apenas em 1988 (PORTO, 1999) – onde, obviamente, em virtude do cenário demonstrado, ainda fica à margem, por exemplo, do contexto sociocultural do Rio de Janeiro, local de publicação de “*Poema do beco*” (de Bandeira, em 1936). Isso significa que 52 anos antes de Roraima se tornar estado brasileiro – apresentando, portanto, um cenário cultural, social e econômico incipiente – no Rio de Janeiro já havia

espaço e incentivo expressivo para publicações literárias – o que, em Roraima, até hoje não ocorre com tanta eficácia.

Faremos, então, este estudo, com intuito de demonstrar o diálogo que o poema de Sony Ferseck (“Uma mafiosa”), publicado num local periférico do Brasil – tanto em imposição ideológica, como geograficamente –, faz com um cânone da literatura brasileira. Observaremos também, a intenção de ambos os textos de desconstruir a segregação entre minorias e majorias, becos e horizontes, periferias e metrópoles, fazendo uso do poder de registro e veiculação de cultura que a literatura proporciona ao homem. Encerraremos este estudo com as considerações finais e as referências que embasaram este estudo.

2. *Uma breve apresentação da série máfia do verso*

A “Máfia”, série na qual a obra de Sony está publicada, é um grupo de produção literária no tocante ao gênero lírico, surgiu em 2013 e “funciona como uma cooperativa de poetas” cujo conselho é composto pelos professores Roberto Mibielli, Sheila Praxedes, Devair Fiorotti (falecido em 2020), Eli Macuxi, Sony Ferseck, Marcelo Perez, Edgar Borges e Zanny Adairalba; todos inseridos no exercício do magistério ligado à Arte, Literatura, Língua Portuguesa e História. O grupo tem por objetivo maior (segundo os próprios “mafiosos”) “(...) publicar poesias inéditas, republicar a boa poesia e fazer veicular e ler poesia em Roraima” (FERSECK, 2013, p. 5). Os próprios poetas-autores financiam as publicações (em cumprimento a um acordo firmado entre eles), levando em conta o cenário literário embrionário editorial roraimense. Sobre tal escassez:

O grande problema, passa a ser quando não há nesses lugares periférico-fronteiriços um sistema literário já instituído, ou seja, quando a literatura destes lugares conta apenas com manifestações bissextas e esparsas de poetas (em saraus da província?), cantadores e compositores (em saraus da província?), romancistas e teatrólogos, sem mercado (apenas em saraus da província?), sem livrarias e com uma realidade na qual há feiras de livros, propostas por organizações não governamentais como as do sistema “S”, das quais não participam as poucas livrarias existentes nestes estados/cidades. Ou mesmo quando estes lugares ainda têm um sistema crítico incipiente, ou, do ponto de vista de alguns dos membros da academia (leia-se cursos de Letras, que são os que ajudam a determinar e perpetuar o cânone), que ignora a existência do pouco que há de forma sistemática. (MIBIELLI, 2017, p. 89)

Vale salientar, portanto, que este trabalho, ao estudar uma coletânea publicada em solo roraimense, divulga e defende a resistência de artistas que, mesmo sem as melhores condições, fazem questão de veicular cultura. Visto que a Máfia do Verso é um grupo de produção e publicação independente de literatura, pois conta apenas com os próprios recursos financeiros, num lugar onde há apenas três editoras: uma inaugurada em 2019, a Wei Editora, a Editora da Universidade Federal de Roraima – UFRR e da Universidade Estadual de Roraima (UERR Edições), sendo as duas últimas com fins estritamente acadêmicos. Além da Máfia do Verso, outros escritores publicam suas obras de modo independente, ou seja, a carência de editoras em Roraima não impede os artistas contrerâneos de produzirem literatura. Por exemplo, Elimacuxi, uma integrante da Máfia do Verso, tem um blog onde publica sua poesia (elimacuxi.blogspot.com); dessa forma, outros poetas também o fazem, aproveitando os recursos midiáticos que a atualidade oferece para a expansão de arte e cultura.

As obras pertencentes à Máfia são os cinco *livros de bolso* publicados de 2013 a 2015, em ordem de publicação: “Par T Ilha”, de Roberto Mibielli; “Pouco Verbo”, de Sony Ferseck; “Amor para quem odeia”, de Elimacuxi; “Ainda se estivesse faltando pedaços”, de Marcelo Perez; e “Paio!”, de Devair Fiorotti. Estes envolvem conteúdo intertextual sobre sociedade e cultura local e universal e diversos estilos literários presentes na Literatura Brasileira, o que forma um acervo literário contemporâneo digno de ser explorado.

A Máfia do Verso ainda pode ser considerada uma produção minoritária, devido ao espaço físico e simbólico que ocupa na sociedade em geral, também pode ser chamada regional, dada a carga geográfica e cultural que a contextualiza. Porém, paralelamente a isso, é uma produção de caráter universal, pois os temas recorrentes em grande parte dos poemas (como amor, morte, vida, dor) são os mais universais e, os textos dialogam com vários cânones da literatura (como Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Leminski, Cecília Meireles, Ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, entre outros), principalmente do Modernismo Brasileiro, como também com outros trabalhos de artistas do ramo musical, por exemplo.

Isso significa que o fato de a Máfia ser um conjunto de obras locais não torna obrigatório o caráter ufanista dos textos. O retrato local pode ser uma representação mais ficcional do que verdadeira:

Este processo de emblematização é o que leva alguns autores a caricaturizar dadas realidades (como a de Roraima, na voz do Roraimeira, por exemplo), recriando e reeducando sua cultura de modo a que esta apresente uma outra imagem de si. É quase como se se pudesse dizer que têm a pretensão a *bildungsroman de um lugar* e não de um dado personagem, ensinando este lugar a ser o que ele é, para si e para os que dali não são, instituindo-o pela literatura. (MIBIELLI, 2017, p. 90)

O comentário do pesquisador remete à tese sobre regionalismo:

[...] do ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à ‘grande literatura’, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore. (CHIAPPINI, 1995, p. 156)

É quando, intencionalmente, o próprio autor marginaliza sua obra com uma tessitura discriminatória entre regional e universal.

A *Máfia do Verso*, série na qual Sony Ferseck publicou sua obra “Pouco verbo”, portanto, é uma coletânea independente, minoritária, regional. Porém, não mostra intenção de se auto excluir ou excluir o entorno, nem de emblematizar o contexto geográfico e social no qual se origina; quer, na verdade, levar o universal a Roraima (seu espaço de ascendência) e levar Roraima ao universal, de modo a extirpar qualquer marginalização e, enaltecer seu regionalismo universalmente, assim como exaltar o universo regionalmente.

3. *Um pouco sobre a autora Sony Ferseck e sua obra*

“Pouco verbo”, de Sony, foi a segunda, numa sequência de cinco obras, a ser publicada pela série *Máfia do Verso* entre os anos de 2013 e 2015. Porém, o engajamento da escritora acerca da veiculação de literatura não se resume à *Máfia*. A autora, cujo verdadeiro nome é Sonyellen Fonseca Ferreira está vinculada à única editora de Roraima (além das duas editoras pertencentes às Universidades), a qual leva seu nome na razão social (Sonyellen Fonseca Ferreira). A Wei Editora (nome fantasia), aberta em quatro de setembro de 2019, tem por atividade: “a edição de livros (literários, didáticos, infantis), dicionários, atlas, enciclopédias, etc., na forma impressa, eletrônica (CDs) e na internet; a aquisição de direitos autorais para a edição e disseminação de livros; a gestão de direitos autorais de obras literárias” (cf. Cadastro de todas as empresas da cidade de Boa Vista). Isso mostra que Sony está engajada em questões culturais, mesmo depois de sete anos da publicação de “Pouco verbo”.

Conforme dados informados no Currículo *Lattes* da autora, cuja última atualização foi em julho de 2020, sua atual condição acadêmica é:

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, orientada pelo Prof. Dr. José Luís Jobim. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR- (PP-GL/UFRR), linha de pesquisa Literatura, Artes e Cultura Regional, título obtido em 2016. Participante do projeto de pesquisa Pantan Piá coordenado pelo Prof. Dr. Devair Fiorotti desde o ano de 2014. Possui graduação em Letras com habilitação em Inglês pela Universidade Federal de Roraima (2013). Participou entre os anos de 2010 e 2013 do projeto de pesquisa - contemplado pela Capes - Projetos Políticos Pedagógicos e Diversidade Cultural em Escolas Indígenas de Roraima, coordenado pelo Prof. Dr. Elder José Lanes.

Percebemos, então, que Sony (Sonyellen Fonseca Ferreira) desenvolve trabalhos voltados à cultura e à literatura, tanto no meio social quanto acadêmico.

É importante ressaltar que, antes da publicação da obra em verso, Sony disponibilizava seus poemas (entre os anos de 2012 e 2013) em seu blog (soniferseck.blogspot.com), o qual recebe a mesma titulação do livro, “Pouco verbo”. E muitos desses poemas foram inseridos no livro.

Observando, portanto, a obra de Ferseck, percebemos um eu lírico feminino que transita entre temas corriqueiros, como tempo, amor, morte, vida; e cenas cotidianas ligadas ao ambiente roraimense – o que abrange desde a cultura indígena, até a formação espacial e social do meio rural e urbano desta região – conforme notamos nos poemas *Índia Makusi* (p. 14) e *Roraima* (p. 92). Este regionalismo presente nos poemas de Ferseck demonstra uma valorização do ambiente regional e representa aspectos sociais, históricos, linguísticos e culturais roraimenses, porém, sem ser ufanista. Não há uma representação mais ficcional do que verdadeira do ambiente.

Além disso, os poemas de “Pouco verbo” conversam com obras de outros autores, como a de Mário Quintana (em “Verão”, na página 21), Manuel Bandeira (em “Beco”, p. 93), Casusa – conforme afirma o crítico Roberto Mibielli sobre o poema “Por piedade” (p. 70) – no pós-fácil da obra:

Como Casusa, com o qual, aliás, se pode estabelecer um sem fim de semelhanças em termos de construção poética, Sony propõe nesses versos a sua versão de “Maior abandono”. Ela suspira em busca de um amor de “migalhas, raspas e restos”, ainda que este amor possa ser “ruim” (FERSECK, 2013, p. 89)

Dessa forma, os textos de “Pouco Verbo” exprimem diálogos que enriquecem seus horizontes de interpretação. Demais, a linguagem utilizada pela autora também demonstra um estilo peculiar e contribuinte para as muitas leituras possíveis, como dito por Mibielli, ainda no pós-fácil:

A força de seus versos também vem da simplicidade das escolhas que faz. Inversora de ordens, tempos e espaços, cria uma névoa na qual o próprio leitor deixa-se envolver e iludir crendo-se parte do poema. (FERSECK, 2013, p. 99)

4. *Acerca de algumas funções da Literatura*

Em sentido amplo, conforme expõe Compagnon, a literatura compreende tudo que é impresso ou manuscrito (1999, p. 29-35). Porém, tratando-se dela em sentido estrito, *gratia sui* – por amor de si mesma – postulada por Eco (2003, p. 9-27), temos a literatura que envolve ficção, estilo, devaneio e poesia. É a esta que nos reportamos, para tecermos, conforme impetram Umberto Eco (2003) e Antônio Cândido (2004), algumas funções que ela exerce diante do tecido textual universal.

4.1. *Poder imaterial criador e registrador*

A literatura no sentido estrito, no primeiro capítulo de sua obra “O Demônio da teoria: literatura e senso comum”, intitulado *A Literatura*. O autor separa a literatura no sentido amplo – como sendo tudo que é impresso ou manuscrito – da literatura no sentido estrito – que é discutida desde a arte poética de Aristóteles Compagnon (1999, p. 29-35). É desta segunda que Umberto Eco trata, a literatura pela literatura, a *gratia sui* – por amor de si mesma. No setor intitulado “Sobre algumas funções da literatura”, de sua obra *Sobre a literatura*, cargos que a literatura exerce para o leitor Eco (2003, p. 9-27). Um destes cargos é o de dar ao homem um poder imensurável: “Existem poderes imateriais, não avaliáveis a peso, mas que de alguma forma pesam” (ECO, 2003, p. 9). Eco afirma que a tradição literária é um poder imaterial, o complexo de textos que a humanidade produz *gratia sui*, para entretenimento, por graça própria. Certamente a literatura tem alto preço, que envolve tanto conhecimento, como dedicação e amor do escritor, pois este se prepara para conceber uma obra.

O autor, antes de produzir, conhece sobre o assunto (ainda que fictício), bem como sobre o código (língua) e o modo de articulá-lo para atingir o leitor, ou ainda, satisfazer a si mesmo, apenas. Da mesma forma, a literatura exige do leitor as mesmas coisas que exigiu do produtor. Pois uma fonte traz consigo outras, as quais demandam conhecimento prévio e desencadeiam fortuna posterior – justamente o poder imaterial. Isso se releva quando, “Fora do prazer literário a Literatura serve para a saúde do corpo e a educação léxica” (ECO, 2003, p. 10).

Consonante ao posicionamento de Eco, Cândido (2004, p. 176) afirma que a literatura “(...) é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. Dessa forma, o conhecimento incorporado pela leitura de obras literárias satisfaz necessidades básicas do ser humano, sobretudo, o enriquecimento de sua percepção e visão de mundo – tanto o externo quanto o interno, o qual diz respeito à compreensão de si mesmo – um poder imaterial com expressivo peso.

Se a literatura oferece e exige conhecimento, é porque nela estão registrados saberes: as verdades internas e externas ao texto. Isso significa que ela pode tanto sugerir, quanto registrar, informar, questionar, mostrar posicionamento, entre tantas intenções. Portanto, este poder imaterial também cria tendências, ou registra-as, ou ainda, recria. Essas tendências não são exatamente modismos, mas algo expressivamente mais marcante: são cultura.

Santos (1996, p. 19 a 21) postula duas concepções básicas de cultura e defende a importância de se conhecer as diferentes formas culturais. A primeira concepção é de que cultura são todos os aspectos de uma realidade social, como manifestações artísticas, vestimenta, comida, festas, entre outros. A segunda é de que cultura corresponde a conhecimento, ideias e crenças, no que tange a formação escolar, estudo e construção ideológica. Para o autor, conhecer culturas contribui para o entendimento das transformações por que passam as sociedades contemporâneas (SANTOS, 1996).

Conforme explana o autor, as culturas expressam características que, ao mesmo tempo, unem e separam as formas de existência humana. Sendo que essas características devem ser consideradas de modo a avaliar cada cultura por parâmetros peculiares a ela, sem hierarquizar sob um parâmetro comum (SANTOS, 1996). Assim, é possível o combate de preconceitos, com vista à interação cultural que respeita as particularidades culturais, sem menosprezá-las. Então, por meio dessa interação, ca-

minhamos para uma sociedade mundial, devido à recente hibridização de culturas, as quais antes eram em grande parte isoladas.

Eco ressalta que hoje a literatura é um poder tangível às diversas camadas sociais em papel ou numa tela de cristal líquido, dada a expansão do número de bibliotecas públicas tanto físicas quanto virtuais, assim como a disponibilização democrática de internet às pessoas da maioria das povoações do planeta. Isso permite que a literatura “fale” em qualquer lugar, assim como “A língua vai para onde quer” (ECO, 2003. p. 10). Esta tangibilidade, como o autor pontua, pode não aliviar aqueles que têm falta de alimento e cuidados básicos de saúde, mas pelo menos instiga-os, dentro dos ambientes de livros, a objetivos de vida melhores do que matar, roubar ou cometer outras atrocidades (ECO, 2003). Isto significa que o acesso à leitura pode não “mudar o mundo”, pois isso seria utopia, mas ajuda as pessoas a mudarem a si mesmas.

4.2. Direito inalienável

A organização de cada sociedade pode influenciar no processo de fruição da literatura (bem humanizador): em sociedades mais igualitárias, o acesso à cultura passa pela chamada cultura de massa e chega à erudita; nas sociedades menos equânimes, como a nossa (brasileira), muitas vezes a oportunidade de acesso à cultura não chega aos níveis eruditos Candido (2004). Porém, o autor destaca que quando há oportunidade de conhecimento cultural, há incorporação deste interesse para tal – portanto, não é falta de capacidade que um povo tem de incorporar saberes, mas falta de oportunidade.

O oferecimento desigual de oportunidades, típico de nossa sociedade, intensifica a segregação cultural – isso forma as chamadas minorias. “As minorias são construções políticas, institucionais e materiais alcançadas por meio de processos – normativamente fundados e dinamizados – de destruição material, de silenciamento, de invisibilização e de exclusão conduzidos por majorias socioculturais e epistemológico-políticas hegemônicas” Dorrico e Danner (2020, p. 8). Ou seja, a minoria, nesse sentido, é uma construção política resultante de processos de subalternização e, não se caracteriza em número, mas em voz – é um grupo, unido por uma característica em comum de todos os elementos nele inseridos; sendo que tal característica é também o fator que o segrega de outros grupos hegemônicos.

A formação de minorias ocorre por processos tanto históricos quanto econômicos, políticos, sociais, culturais, entre outros métodos que formem grupos e estabeleçam hierarquização entre eles. Mas a literatura empenhada (cf. CANDIDO, 2004), por exemplo, ensina o homem tanto a julgar como a agir diante das questões sociais; voltando seu olhar para o próximo de forma que abarque não mais apenas o indivíduo, mas também os grupos, e as relações dele com outros. Deste modo, a literatura pode ser um instrumento de abolição de crenças discriminatórias.

Concluimos então que por instigar a desconstrução da hegemonia – e assim tomamos por desconstrução:

[...] de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes. (DER-RIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 9)

A literatura aproxima culturas e desfaz preconceitos. Pois, como já dito, ela fala em qualquer lugar, logo, alcança e dissemina toda cultura.

Destarte, a literatura também ajuda na edificação das identidades, pois, tomando por premissa a tese de Woodward (2007, p. 26), de que “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”, podemos considerar o exemplo dos povos brasileiro e africano que, apesar de falarem, ambos, a língua portuguesa, apresentam expressivas variações linguísticas, um em relação ao outro – as quais estão catalogadas em sua literatura a cargo da educação lexical e registro cultural.

Sob tal perspectiva, entendemos que as literaturas produzidas e veiculadas em grupos de minorias, também representam uma minoria. Por isso estas produções também precisam passar por um processo de desconstrução em sua recepção – é necessário que se finde a segregação a elas imposta. As características inerentes às culturas devem ser consideradas de modo a avaliar cada uma por parâmetros peculiares a ela, sem hierarquizar sob um parâmetro comum (SANTOS, 1996).

Então, postulamos que a literatura é uma forma de combate à divisão e ao menosprezo: 1) porque o contato com esta, promove conhecimento a partir da oportunidade de realização deste contato com grupos sociais excluídos socialmente, os quais podem demonstrar capacidade para incorporar saberes, desde que sejam expostos a isso; 2) porque vence preconceitos ao passo que dissemina as culturas as quais antes eram desconhecidas e, portanto, julgadas erroneamente; 3) porque num processo de integração de povos, culturas, ideologias, conhecimentos, a

literatura desconstrói a exclusão de grupos desfavorecidos. Por fim, todo o exposto converge com a ideia de que a literatura é um direito inalienável do ser humano, pois ela ajuda na edificação de uma sociedade justa, a qual “(...) pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades” (CÂNDIDO, 2004. p. 191).

4.3. *Caráter dialógico da literatura*

Os textos podem ser reescritos, uma vez que enredos podem ser transformados em um texto sucessor, é possível fazer recortes de várias obras para originar-se outra, diferente e autêntica. São os dialogismos presentes na literatura, como também em todos os enunciados, visto que,

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra em um mundo virgem ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. (BAKHTIN, 1988, p. 88)

Portanto, para Bakhtin não há texto puro. É o caso de filiação e fidelidade, em que num texto coexistem tanto textos precedentes (filiação), quanto objetos de representação da realidade (fidelidade) (CÂNDIDO, 1991). Em ambos os casos há dialogismos, pois, a filiação é a reprodução de novas obras como releituras das anteriores e a realidade também é um texto (são vários). Dessa forma, o dialogismo é onipresente, pois todo enunciado é uma réplica e induz à produção de outras.

Pode ser educativo e interessante reescrever e modificar aquelas histórias que já existem e vários artistas fazem isto (ECO, 2003). Porém o texto precedente, não será mudado – outro novo será criado, mas o originário, aquele ficará imutável, pois já aconteceu. A obra que já existia, permanecerá, e suas verdades internas e hermenêuticas, também. Ou seja, todo discurso já ocorrido, ecoa vozes em discursos posteriores, pois estes evocam aqueles.

É justamente esta evocação que perceberemos nos próximos itens, pois analisaremos dois poemas atentando-nos para o diálogo entre eles e em que medida o texto anterior possibilita a criação de respostas e, como *Beco* retoma seu antecessor para produzir resposta.

5. *O beco, de Bandeira e o beco, de Sony Ferseck*

5.1. *O beco, de Bandeira*

O “*Poema do beco* é uma das composições mais enigmáticas de Manuel Bandeira. Ele revela um poeta menos otimista, frente a sua outrora entusiasmada relação com o movimento Modernista. Marcado pela absoluta concisão” Eco (2003). O dístico foi publicado em 1936, na coletânea *Estrela da Manhã*. Neste momento, a produção de Bandeira já mostrava um amadurecimento com relação ao furacão sociocultural e estético da primeira fase modernista, como vemos no poema:

Poema do Beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
— O que eu vejo é o beco. (BANDEIRA, 1993)

Sobre o poema, Pereira e Zampieri analisam que,

São dois versos apenas e que contrastam entre si pela extensão e pelo tema. O primeiro, longo, fala daquilo que é vasto (a paisagem, a baía, a linha do horizonte). O segundo, curtíssimo, fala do beco. O contraste na extensão dos versos é muito útil e tem força expressiva: verso longo, para tema *longo*, verso curto para tema *curto*. (PEREIRA; ZAMPIERI, 2007, p. 1-2).

Pensando dessa forma, o poema diz que se apenas o beco é visto, toda a imensidão existente não tem valor diante do beco, assim como para aquela, este não é expressivo. Podemos considerar também a situação vivida pelo autor no momento em que escreveu a obra, pois pouco antes de escrever “*Poema do beco*”, Bandeira deixou uma casa no bairro do Curvelo, para se “(...) meter num apartamentozinho de quarto e banheiro à Rua Morais e Vale” (BANDEIRA *apud* FORESTI, 2000, p. 138). Porém, não nos preocupamos agora com o autor. Nosso foco é o eu lírico, a voz do poema, não a intensão do autor, mas a voz que fala no leitor no momento de sua interação com a obra.

Sendo assim, analisamos o poema de acordo com o significado das sentenças escritas nele, as quais não são imutáveis nem originais, mas reescrituras de ideias já provocadas outrora. Pois a intenção do autor, esta não é possível decifrar, mas explicar o significado das palavras que compõem a obra, através de outras palavras, é o que pretendemos fazer. Assim afirma Barthes:

[...] o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia a sua es-

crita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria o predicado; não existe outro tempo para além do da enunciação, e, todo o texto é escrito eternamente aqui e agora. (BARTHES, 1967, p. 69)

Isso significa que a cada obra nasce um novo autor e o mesmo morre ao cabo da escrita. Assim, não se vê importante o estudo da intenção do autor, mas da obra, assim como os efeitos de sentido desta.

Portanto, sabe-se que o beco é uma rua sem saída, do qual não se vê a imensidão do horizonte. Podemos relacionar essa contraposição à outra: o regional e o universal, ou ainda, a minoria e a maioria. A ideia de beco e horizonte remete aos pares opostos que expressam algo de poucas proporções em relação a algo tido como mais significativo. Além disso, há uma intenção pejorativa sobre o beco, pois por apenas vê-lo o eu lírico não pode conhecer outras paisagens. E ainda, existe mais uma contradição: porque em vez de mostrar isso claramente, o poema ironiza usando a expressão “*que importa*”, como se estivesse desdenhando da paisagem vasta, quando na verdade tem desgosto por não a perceber. Para Foresti:

O contraste marcado no *Poema do Beco*, entre o que oferecia a janela (a beleza do cenário carioca) e o que retinham os olhos (o beco), aproveita, para desenvolver-se, da condição contraditória do espaço, a Lapa: zona de prostituição cercada pelas paredes conventuais. Além disso, o dístico que forma o poema condensa muitos outros contrastes e significados, mostrando o seu poder de *síntese*. (FORESTI, 2000, p. 144)

O poema de Bandeira, ao mesmo tempo, é enfadonho, deixa elipses mentais, protesta contra a exclusão do beco por detrás da ironia que menospreza o imenso. Essas dicotomias nas quais o eu-lírico faz pensar, podem se ligar também ao que falamos anteriormente, sobre o direito à literatura. Não é porque um grupo está “no beco” que não tem direito ao horizonte, da mesma forma, o horizonte tem direito de conhecer o beco, para desmistificar preconceitos e incluir culturas ao vasto tecido cultural universal.

5.2. O beco, de Sony

Atentar-nos-emos, em “Beco”, para a trama de sentido na evocação do termo *beco*, já dito por Bandeira. Porém, agora, de modo dissonante: dando ao ambiente mencionado maior poder de alcance. Isso significa que o beco, dito por Bandeira – apresentado como restrito – no hipertexto formulado por Ferseck é amplificado, pelo alcance do eco por ele propagado. Sobre estes arranjos de sentido feitos pela autora de “Be-

co”, Mibielli comenta no pós-fácil do livro (“Pouco verbo”), no qual foi publicado o referido poema:

[...] sugestão é o termo exato. Hipoteticamente, Sony vai colocando no texto elementos de uma força sugestiva capazes de criar imagens na cabeça do leitor, sem que esta peça, e exatamente no lugar onde aparentemente as palavras propõem outras sentenças. Ilusionismos? Não. Apenas habilidade de lidar com as arestas de nossa língua, como um bom jogador lida com a bola, rindo-se delas e fazendo com que realize coisas impensáveis. (FERSECK, 2013, p. 94)

Notamos, então, esses “dribles” de sentidos decorrentes de diálogos entre Beco e diversos outros textos (o de Bandeira, a realidade, entre outros).

Beco

Estupidificada pelo beco...

É o beco é o beco, é o beco

É o eco, Seu Bandeira. (FERSECK, 2013)

O poema de Sony tem três versos livres, o primeiro promove o som expressivo de “p” e “ê”; no segundo a repetição de “é o beco” converge com a ideia de eco expressa no terceiro verso. Depois o eu lírico evoca Bandeira, o autor de “Poema do beco”, com o qual “Beco” de Sony dialoga. Neste momento, Bandeira é tirado da realidade para compor a narrativa ficcional do poema, torna-se agora personagem, verdade interna da obra, e ainda, em seguida, sai da obra para o plano real, transformando-se em verdade Hermenêutica – estilo, estereótipo irrefutável. Por meio desse dialogismo entre realidade e ficção as verdades sobre o mundo, a obra e o leitor vão sendo construídas. Dessa forma, toda a percepção sobre “Poema do beco” adentra à percepção agora criada sobre “Beco”. Isso denota que este evoca aquele para fazer uma releitura, pois o primeiro, no momento da leitura, quando deixa de ser apenas texto e se torna discurso, promove interpretações, gera conhecimento e, portanto, constrói filiações – que são os desdobramentos das vozes que ele fez ecoar, até chegar em outro texto que o ouviu e o respondeu.

Como já discutimos, “Poema do beco” dá a ideia de que o beco é um espaço excluído em relação a outros vastos horizontes, assim como as periferias. “Beco” reitera esta imagem para aludir a Roraima enquanto estado de fronteiras internacionais – localizado em uma extremidade do país, longe do centro –, lugar de incessantes lutas por reconhecimento e veiculação cultural – porém, ainda de poucas vitórias. Pode aludir também à condição batalhadora pela valorização de literatura e cultura vivida pela própria autora – envolvida em projetos desta natureza. Pensando no

“direito à literatura” (CANDIDO, 2004), o poema de Ferseck pode também retomar a imagem de beco para ironizar a imposição, feita às minorias, de hierarquização da metrópole sobre a periferia – de modo a protestar, com um discurso satírico, a exclusão conferida ao beco no poema de Bandeira.

Levando, então, em conta os espaços em que foram publicados os dois poemas em questão, a obra de Ferseck está em posição análoga ao beco descrito em “Poema do beco”. Neste momento devemos considerar que Roraima é um estado localizado ao extremo Norte do País, onde até hoje há apenas uma editora (recentemente fundada) e, é um lugar visto como sem cultura – para muitos, devido à hibridização populacional gerada pelo alto fluxo migratório que formou o estado (cf. VALE, 2007) e que ocorre até hoje (FGV/DAPP, 2020). Porém, onde há diversidade, há hibridização de culturas, quebra de preconceitos e, por isso, alto potencial de produção literária e expressão cultural – o que derruba a tese errônea de que Roraima não tem cultura. Para provar isso, tomemos as palavras de Mibielli:

[...] é que uma parcela considerável dos pesquisadores que ali vivem, embora nem sempre o admitam publicamente, rechaçam a ideia da existência de uma literatura (no) local. Alguns desses preferem não considerar a existência de uma literatura indígena, outros, um pouco mais radicais, adotam uma postura de absoluta negação, em especial, em se tratando da literatura urbana produzida nas capitais de menor porte da Amazônia (o que exclui Manaus e Belém), assim como em boa parte de suas cidades, a maioria com menos de dez mil habitantes cada. (MIBIELLI, 2017, p. 86)

Destarte, concluímos que, ainda que desconsiderada por grande parte dos pesquisadores, essa literatura local amazônica, citada pelo autor está à margem de outras produzidas em grandes centros. Porém, isso não as impede de existirem e cumprirem com seus cargos de veiculação de entretenimento, língua, cultura e saberes.

Logo, quando o eu lírico de “Beco” evoca Bandeira, confirma que dialoga com seu poema e, quando fala em “eco”, faz alusão a todo o poder que uma minoria tem de expandir-se e alcançar os diversos contextos. “Beco”, com um eu lírico feminino – o que já remete a uma minoria que historicamente vem lutando contra a discriminação: as mulheres –, lembra que pela limitação imposta ao beco o ser é estupidificado, menosprezado, excluído e, assim como ecoam dentro e fora do beco os desdobramentos de tal segregação, reverberam também respostas a isso, e mais, ecoa a cultura, o discurso, a voz, a poesia, que ultrapassam a fronteira entre beco e imensidão. Desse modo, o eu lírico ressalta que o

beco pode ser uma rua sem saída, porém, paredes ecoam. Portanto, aí ocorre (em tom irônico) a desmistificação da cultura periférica que reverbera para outros espaços, assim como incorpora características alheias, vindas do “horizonte”.

Nesse viés, vislumbramos que a literatura, ao passo que reitera um texto anterior para protestar contra uma ideia e ressignificá-la, usa de cultura para pensar sobre a própria cultura, para conceber um conhecimento e elaborar outro, desconstruindo o primeiro. Isso significa a materialização do poder literário de quebrar preconceitos por meio do contato do leitor com o texto e de um texto com outro. Assim, por meio dessa quebra de barreiras entre o regional (minoría) e o universal (maioría), conseguimos chegar a uma ressignificação do conhecimento outrora imposto.

É por meio, portanto, do diálogo entre os dois poemas em questão que percebemos uma quebra da subordinação da minoría em relação à maioría, de modo que o texto novo remonta ao anterior e reelabora-o (utilizando uma linguagem literária – ironia), vencendo o pessimismo trazido no poema de Bandeira acerca dos limites do beco. O que nos mostra, então, que o poema de Ferseck, no momento que evoca um cânone, pretende sê-lo. Não ainda o é, porque os Cânones possuem peculiaridades, “contêm verdades incontestáveis, atemporais e universais, transcendem o seu momento histórico e fornecem um modelo a ser seguido” (REIS, 1992, p. 71), mas pretende. Uma vez que se tornou parte dele – está incluso –, está ligado ao universal, trazendo à tona toda sua carga regional, tecendo o “(...) tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal” (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Pensando assim, compreendemos que o legado de *Beco*, é praticar a literatura como direito inalienável do ser humano – o qual, se exposto ao conhecimento, incorpora-o e reelabora-o para novas leituras. Seguindo este viés, entendemos que há no poema de Ferseck a intenção de alcançar meios universais, devido ao diálogo com um cânone da literatura brasileira, e devido à abordagem de um tema universal em um espaço cultural, o qual, ainda que desprivilegiado, promove e expande literatura.

6. *Considerações finais*

Por meio desta análise concluímos que a literatura é um poder imaterial que carrega o peso de sua cultura. Isso significa que o conheci-

mento adquirido e transmitido por meio dela é importante para as interações e expansões culturais. Além disso, executando tais interações, a literatura rompe limites ideológicos entre periferias e metrópoles, permitindo tanto a desconstrução de preconceitos quanto o enriquecimento de ambos extremos. Pudemos perceber isso na análise dos dois textos: em que o primeiro ironiza, para fazer pensar sobre as segregações; e o segundo, também fazendo uso de ironia, propõe o eco como poder de resposta e superação à sugestão elíptica de seu antecessor.

Por fim, percebemos ainda, a orientação dialógica presente na literatura como um todo, espelhada na comparação feita entre “Poema do beco”, de Manoel Bandeira, e “Beco”, de Sony Ferseck. Isso segue a lógica proposta por Bakhtin, de que todo texto é uma réplica de outro, não existindo, portanto, texto original ou hegemônico. O que confirma a literatura como direito inalienável, pois o direito a sua fruição é tanto para provocar e sugerir, quanto para responder e reelaborar; tanto para mostrar a segregação, quanto para combatê-la: entre periferia e metrópole, minoria e maioria, beco e horizonte.

Dessa forma, ao analisar o poema de Sony percebemos a relevância da obra para os estudos de literatura, a qual, produzida de modo alternativo, numa comunidade relativamente excluída de grandes centros culturais, por uma cooperativa de poetas que promove literatura de forma independente de editoras. Entendemos, portanto, que o poema deixa seu legado de pretender ser um cânone – à medida que dialoga com um e também promove releituras –, assim como exerce todas as funções literárias expostas aqui, tomando seu lugar de importância no tecido textual universal. Demais, este estudo, ao analisar uma obra ainda não estudada antes, abre portas para outros estudos acerca das produções de Ferseck, bem como da Máfia do Verso, e também de outras produções de certo modo periféricas por vários fatores (meio de circulação, forma de produção, entre outros) a fim de registrar cultura e posicionamentos (poder imaterial); praticar a literatura como direito inalienável do ser humano – promover conhecimento; romper limites ideológicos e combater a segregação (literatura empenhada); e promover ressignificação por meio do diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Trad. e notas de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.
- BAKHTIN, M. (Voloschinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1961]. p. 337-57
- BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set de 1972.
- CANDIDO, A. O Direito à Literatura. Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-91
- _____. De cortiço a cortiço. *Novos Estudos*. Cebrap, 1991.
- CARREIRO, V. *A Cultura Regional Roraimense na produção dos poetas*: Devair Fiorotti, Eli Macuxi e Zanny Adairalba datada de 2008 a 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Boa Vista: UFRR, 2014.
- CHAUVIN, J. P. Manuel Bandeira: a poesia no beco. *Todas as musas*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 212-219, 2017. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002860393.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2020.
- CHIAPPINI, L. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.
- CNPJ/BIZ. *Cadastro de todas as Empresas da Cidade de Boa Vista*. Disponível em: <<https://cnpj.biz/empresas/boa-vista-rr>>. Acesso em: 07 set. 2020.

CNPQ. *Currículo do sistema de Currículos Lattes*. Informações sobre Sonyellen Fonseca Ferreira. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4093603523781401>>. Acesso em: 07 set. 2020.

COMPAGNON, A. Introdução e A Literatura. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 11-46

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã... diálogos*. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DORRICO, J.; DANNER, L. F. Literatura de minorias como politização radical e democracia inclusiva-participativa: sobre a voz-práxis literária indígena enquanto ativismo, militância e engajamento. *Revista Antares*, v. 12, n. 26, maio/ago. 2018

ECO, U. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, U. *Sobre a Literatura*. 2. ed. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-27

FERSECK, S. *Pouco Verbo*. Boa Vista: Série Máfia do Verso 2, 2013.

FGV/DAPP. Fundação Getúlio Vargas. A Economia de Roraima e o fluxo venezuelano [recurso eletrônico]: evidências e subsídios para políticas públicas. *Diretoria de Análise de Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: FGV/DAPP, 2020.

FORESTI, N. B. Dos espaços poéticos em Manuel Bandeira: o beco. *Anuário de Literatura* 8, p. 137-56, 2000.

MIBIELLI, R. Metapoética e Estética ou Meta-análise e Exotismo, Questões da Amazônia ou de todas as Periferias?. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 31, 2017.

PEREIRA, Rogério Silva; ZAMPIERU, Aline Câmara. Ideias e instituições: imagens do intelectual na poesia de Manuel Bandeira. *Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História – 2007*.

PORTO, J. L. R. Os Territórios Federais e a sua evolução no Brasil. *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente*, n. 15, v. 3, mar. de 1999.

REIS, R. Cânon. In: JOBIM, J. L. *Palavras da Crítica: tendências e conceitos da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTOS, J. L. dos. *O que é Cultura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996

VALE, A. L. F. *Migração e territorialização*: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista-RR. 2007. 293 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72